

Entre a sensibilidade e o embate: a linguagem política em *Solo para Vialejo*, de Cida Pedrosa

Between sensitivity and clash: political language in Solo para Vialejo, by Cida Pedrosa

VILA NOVA, Gabriel Gomes¹

Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, PE, Brasil

Solo para Vialejo, de Cida Pedrosa, é um livro que se destaca na literatura contemporânea nacional. Isso foi confirmado quando, em 2020, o livro recebeu o prêmio de Melhor Livro de Poesia e de Livro do Ano pelo Prêmio Jabuti. O referido prêmio é o mais conceituado da literatura nacional, criado em 1959 pela Câmara Brasileira do Livro, e que se destaca em relação a outros prêmios por, além de premiar autores e livros, destacar todos aqueles e aquelas que participam da criação e produção de uma publicação literária. Dada sua tradição e diferencial, o prêmio também é uma iniciativa importante para o aquecimento do mercado editorial brasileiro.

No caso de *Solo para Vialejo*, muitos foram os pontos levantados que sustentam a premiação e fundamentam seu diferencial em relação às obras concorrentes. Entre as principais características do livro que lhe conferem o merecido destaque estão o de ser um único poema que mistura lembranças próprias da autora com uma memória coletiva de diáspora; o estilo épico da obra que se mistura com o lirismo poético; a musicalidade ora relacionada ao blues ora ao jazz presente em versos que usam a aliteração, a assonância e a repetição; a existência

¹ Graduando em Comunicação Social no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email: gabriel.vila@ufpe.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4277360834556738>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8006-253X>

de uma pontuação não exposta, mas insinuada; diversas referências estéticas que vão desde as mais clássicas até as mais contemporâneas. Enfim, a lista é grande. Entretanto, as questões temáticas de caráter político-social, também presentes em outras obras da autora, são abordadas no livro de uma forma singular, embora não explorada e investigada na maioria das matérias e resenhas sobre *Solo para Vialejo*. Assim, se faz ainda mais importante destacar de que forma estética e estilística a linguagem política intrínseca à obra da autora se destaca no livro.

Antes de tudo, vale pontuar a importância da participação de Cida no Movimento de Escritores Independentes em Pernambuco (MEIPE) durante a década de 80. O Movimento, considerado pela poeta como sua cidadania literária, “contribuía a partir da arte com a história política do estado” (AMARAL, 2019, p.315). Isso porque o grupo realizava reuniões entre poetas da época para recitar poemas — sempre em tons de liberdade, o que caracterizava a arte produzida pelos integrantes do grupo — em espaços abertos ao público, aproximando a poesia do povo e propondo reflexões sobre liberdade nos mais diversos campos sociais.

A atuação no movimento coincide também com a publicação dos primeiros livros de Cida, que já escancara a presença de questões de gênero e feminismo desde o *Restos do Fim* (1982), que continha o verso “Aqui jaz Maria, que em dias vermelhos deu a todos com sorriso azul” (PEDROSA, MARTINS, 1982). A partir daí, a conversa entre a sensibilidade da poesia e o embate da política passa a ser uma assinatura estilística de toda a obra de Cida.

Mas o que pode ser destacado como um diferencial na linguagem política presente em *Solo para Vialejo*? Com base no que afirma Georg Lukács, “Todo poema é uma mistura de matéria concreta e símbolo” (2017, p. 134), um dos principais diferenciais do livro é a singularidade dos símbolos trazidos por Cida Pedrosa. Isso porque são símbolos bastante íntimos da autora que estão intrinsecamente ligados às suas memórias mais tenras e também recentes, à sua história de vida, e portanto dotados de uma subjetividade particular. Toma-se por exemplo o símbolo, logo nas primeiras páginas do livro, da “calça comprida por baixo da saia” de mulheres que trabalhavam no campo como um símbolo de desigualdade de gênero, ou até o peso de se “tirar da flor a seda branca”

(PEDROSA, 2019, p. 19), diz-se aqui não somente o peso literal de se colher algodão, mas o peso de sentimentos e significados sentidos e atribuídos pela autora à imagem. Além de questões relacionadas à desigualdade de gênero e social, o livro traz à tona também símbolos relacionados à colonização, ao racismo, ao preconceito e à questão indígena.

Algumas metáforas utilizadas na poesia são cartas marcadas, como a aurora significando começo, renascimento ou esperança. Já o uso de figuras de linguagens mais originais são subjetivas de tal forma que só as vivências e memórias do poeta podem fazer assimilação da experiência com algo concreto. E eis aí outra questão que vale destacar em *Solo para Vialejo*. Os símbolos utilizados por Cida muitas vezes são íntimos de sua própria história, o que atribui intimidade e sensibilidade a questões sócio-políticas. É a junção desses aspectos simbólicos à musicalidade do poema, já destacada em fatores pontuados acima, um dos principais aspectos responsáveis por tornar o livro uma obra singular.

A temática racial é um ponto forte e reiterado de forma sensível no livro, sobretudo quando a autora começa a pegar comom matéria prima de poesia as próprias memórias que guarda de músicos negros de sua cidade natal e do preconceito do povo da cidade. Como no trecho:

“três negros em sintonia
africanidades não sabidas
quilombos interiores destruídos
girândolas dobrados e forrós
tatuagens
em uma cidade
que chama o preto de azul
retinto retinto retinto ouvi muito o povo dizer
aquele negro
retinto
retinto

retinto
ouvi muito a cidade dizer
aqueles negros retintos
manuel azul e mané prego maestros negros
da cidade surda” (PEDROSA, 2019, p.70).

Neste trecho, a reiteração vocabular atribui uma sensação de que cada repetição é um golpe na autora; e é descrevendo cada golpe que a ferida é sentida também pelo leitor. Além disso, ao falar que a cidade é surda para os mestres citados, Cida tece uma relação do preconceito do povo da cidade com a incapacidade de ouvir e reconhecer a maestria dos músicos negros.

Essa repetição em três vezes de um mesmo verso, para além da musicalidade associada aos três acordes clássicos do blues, dá o andamento do ritmo da leitura do poema. Além disso, aumenta a força do símbolo, reitera seu significado e chama a atenção do leitor para os sentidos do que se diz. Como uma água que de tanto que bate perfura a pedra, é essa repetição o que ajuda a quebrar essa rigidez do leitor e o deixa também mais suscetível a sentir o que se diz, e não somente ler.

É o uso de símbolos como os citados, a metáfora, o resgate sensível da memória e as diversas outras figuras de linguagem, que justificam o texto da contracapa ao se referir a *Solo para Vialejo* como uma obra não panfletária. Isso porque na obra panfletária, a ideologia, visão de mundo ou posicionamento político toma a frente da poesia e da sensibilidade, o que não acontece neste livro. Como frisa Eduardo Cesar Maia (2022, s.p.) “as narrativas literárias não podem ser compreendidas meramente como reflexos ou representações exatas da vida social ou individual; a arte literária acrescenta algo ao mundo, algo que não existiria sem a obra”. Esse é o caminho tomado por Cida neste livro, no qual o teor político não se sobrepõe aos aspectos poéticos, pelo contrário, estes indicam um novo modo de observar os aspectos políticos sociais abordados ao longo do livro. Isto é, a forma como se diz é mais importante do que o que é dito de forma literal.

Um trecho que vale destacar como exemplo da forma com que se diz consiste no momento em que Cida, ao estabelecer o cangaço como símbolo de resistência

frente ao coronelismo e injustiças sócio-econômicas sofridas pelo sertanejo, começa a citar nomes de cangaceiros do bando de Lampião. No entanto, escreve os nomes em grupos de três, cada grupo para uma letra do alfabeto, onde o terceiro nome é frequentemente antecedido pelo conectivo “e” e com os nomes formando uma imagem espiral na página. Além do ritmo atribuído à leitura pela divisão em grupos de três e o uso do conectivo “e”, a construção de uma imagem em espiral reitera um olhar único da autora para o tema.

Além do conteúdo, o caráter estético do livro é outro diferencial. A disposição das palavras e dos versos acontecem de diversas formas, com destaque para momentos em que a organização das palavras sugere imagens, como ondas, encruzilhada e espiral, que é o caso da ocasião descrita no parágrafo anterior. Percebe-se então a influência de uma poesia concreta que não fora demonstrada pela autora em obras anteriores, aspecto que também ressalta o encontro de diversos estilos em uma mesma obra, e sobretudo, em um mesmo poema, uma vez que o livro possui um movimento contínuo, como o movimento da mente da autora ao percorrer, interpretar e poetizar sobre suas lembranças.

Além da linguagem política imbricada nos temas, estética e estilo de *Solo para Vialejo*, sua premiação por si só também é um fator político. O livro é o primeiro de Pernambuco a receber o título de livro do ano pelo Jabuti. Contudo, para além disso, também se trata de um livro de uma escritora nordestina que reside no Nordeste. Isso porque há uma dificuldade dos escritores que residem fora do eixo Rio-São Paulo de terem suas obras lidas e debatidas em escala nacional.

Solo para Vialejo também é um grito. Grita como alguém que marcha em protesto, sem parar, sem pausas ou pontuações, com direito a gritos de guerra repetidos em grupos de três. Mas também é uma marcha feita em caminhos que passam por lembranças pessoais, por memórias coletivas, por símbolos e estéticas, pela música, pela poesia e por ideais sócio-políticos. E, em *Solo para Vialejo*, esses caminhos são um só.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Clécio Juliana Gomes Pereira. **A construção de uma poética política na redemocratização do Brasil: um olhar de gênero da produção literária de Cida Pedrosa.** In: Gênero e direitos humanos em perspectiva: diálogos a partir da interdisciplinaridade. org: Fernando da Silva Cardoso. 1ed. Curitiba: Editora Prismas, 2019, p. 309-328.

LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas.** Trad. Rainer Patriota. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MAIA, Eduardo Cesar. **Literatura e Crítica para além das trincheiras.** 2022. Revista Continente. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/255/literatura-e-critica-para-alem-das-trincheiras-> Acesso em: 23 agosto 2022.

PEDROSA, Cida e MARTINS, Eduardo. **Restos do fim.** Recife: Edição independente, 1982.

PEDROSA, Cida. **Solo para Vialejo.** Recife: Cepe, 2019.

Data de recebimento: 08/08/2022

Data de aceite: 28/09/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>